

A DOENÇA DA CRÍTICA¹

Debora Cristina Costa², Cristiane Gubert³.

¹ Estudo elaborado na disciplina "Discurso e Leitura", ministrada pelo professor Valdir Prigol, no Mestrado em Estudos Linguísticos - UFFS.

² Estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó.

³ Estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um gesto de leitura de uma metáfora produzida no livro "Clareza e mistério da crítica", escrita pelo professor e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, publicado no Brasil em 1961. A obra, embora antiga, mas com um conteúdo atual, pretendia discutir o papel e a importância da crítica literária, demonstrando como se fazia crítica no Brasil e como, de fato, ela deveria ser, para realmente despertar o gosto no leitor e revelar a essência da obra. Ancorados na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, nosso objetivo será identificar a metáfora presente no texto, bem como compreender seu funcionamento e seus efeitos de sentido. Segundo ORLANDI (2000, p. 44), a metáfora, na perspectiva discursiva, é entendida como a tomada de uma palavra por outra, basicamente, uma transferência de sentido e chama-se efeito metafórico o deslizamento desta metáfora (uma palavra por outra) ao longo do texto. Neste exercício de leitura, pretendemos interpretar os efeitos de sentido produzidos pela metáfora apresentada pelo autor, bem como compreender como se dá seu funcionamento ao longo do texto.

METODOLOGIA

Em se tratando de uma pesquisa bibliográfica, a metodologia adotada foi a leitura e análise do "Capítulo 9 – O debate sobre os métodos modernos da crítica", parte do livro "Clareza e mistério da crítica", de Adolfo Casais Monteiro, nosso corpus de pesquisa. Na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa e considerando os conceitos de metáfora apresentados por Eni Orlandi, fizemos leitura do texto e identificamos a metáfora "a doença da crítica" - referindo-se à crítica literária moderna feita no Brasil, que se utiliza de a priori e métodos prontos para analisar as obras. A partir daí, analisamos as condições de aparecimento desta metáfora, seus deslizamentos ao longo do texto e sua historicidade, na produção dos sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No capítulo que detivemos nossa análise, o autor Casais Monteiro faz uma reflexão sobre os métodos modernos da crítica literária, comparando a crítica científica, o impressionismo e a estilística. Questiona o método científico de fazer a crítica, baseada em modelos prontos, únicos, utilizados para todas as obras da literatura, desrespeitando a singularidade que cada uma possui. No

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

seu entendimento, falta na crítica, seja ela publicada em jornais ou não, a opinião do crítico sobre a obra, suas impressões e observações acerca dela.

Casais Monteiro coloca em cheque a contradição existente no livro “Correntes Cruzadas”, de Afrânio Coutinho, professor e crítico literário, no qual ora diz ser necessário à crítica um corpo de critérios e padrões objetivos; ora diz que crítica é uma obra de arte, uma criação. Ressalta, porém, que mais importante do que focar na contradição existente, faz-se necessário mostrar a impossibilidade de se fazer da literatura uma disciplina científica. Métodos e objetividade seriam características aplicáveis à história literária. Suprimir tais características da crítica não a torna uma improvisação, superficial ou leviana, apenas considera a obra literária como um produto específico e que portanto, não pode ser avaliado a partir de padrões metodológicos. Casais Monteiro ressalta o equívoco que se formou a partir da comparação entre o que ele chamou de pseudocrítica e a dita crítica científica. Nem uma nem outra, são, de fato, crítica. “Se ciência é sinônimo de rigor e escrúpulo na apreciação de adequada informação, de conhecimento profundo na matéria em questão - então viva a crítica científica! Mas se é mais uma manifestação, da estafada crença na impersonalidade - então, ai da pobre crítica científica!”. (MONTEIRO, 1961, p. 190)

O impressionismo foi confundido com improvisação por se tratar da plena liberdade de proceder, também considerado crítica incompleta porque, segundo o autor, pára na primeira operação, que é o recebimento da impressão e sua reprodução. Ainda assim, conforme Casais Monteiro, trata-se de crítica literária, atividade criadora: “[...] as que melhor iluminam as obras sobre às quais incidem são precisamente aquelas cujo autor, renunciado a falar em nome de todo mundo, optou francamente por ser ele próprio, se aceitou, com as suas particularidades, a incidência própria do seu olhar, a sua atitude perante o mundo”. (MONTEIRO, 1961, p. 191)

Com esta reflexão Casais Monteiro "afasta" a crítica de ser considerada atividade exclusivamente acadêmica, pois a partir de uma concepção de crítica como atividade criadora, aproxima esta do leitor, já que também ela se trata da impressão de um leitor (o crítico) sobre determinada obra. Tal entendimento não exclui a necessidade do crítico estar preparado e ser grande conhecedor de arte e literatura, mas também não restringe este trabalho à mera análise dos componentes de uma obra com uma falsa objetividade.

No texto em questão, Casais Monteiro enuncia uma metáfora para exprimir sua opinião sobre a crítica científica: “a crítica está sofrendo de uma doença grave”. E a causa dessa doença seria a possibilidade de se estabelecer um método único para analisar todas as obras, o a priori. Em outras palavras, tentar suprimir toda a subjetividade e transformar a crítica em análise de textos, preenchimento de fichas, e assim, garantir o rigor científico. No texto, a metáfora apresenta-se na seguinte sequência discursiva:

SD1: “Se a crítica sofre de uma doença grave, não é a que consistiria em dar apenas impressões, mas a de fingir que se fala de uma obra literária quando na realidade se fala de tudo menos de literatura” (MONTEIRO, 1961, p. 157).

Casais Monteiro defende que a crítica moderna teria surgido para livrar a crítica tradicional do impressionismo e adaptá-la ao rigor científico. Ou seja, para que se pudesse auferir maior credibilidade à crítica, fez-se necessário eliminar toda e qualquer subjetividade. E é a esse novo método, “a nova crítica” tão difundida no Brasil, que Casais Monteiro se coloca contra. O autor faz

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

referência aos modelos de crítica trazidos dos Estados Unidos (aqui podemos citar Afrânio Coutinho), que definiu os métodos da crítica científica e que ainda hoje é vista como a forma correta de se fazer crítica. As fórmulas prontas, a fichas de catalogação das obras, tudo isso para Casais Monteiro constituem o maior problema da crítica atual.

As condições de aparecimento (ou condições de produção) da metáfora destacada remetem à época em que os textos eram publicados pelo autor em jornais (década de 50 e 60). Um contexto que pretendia abranger o grande público e não limitar a discussão acerca da crítica apenas aos bancos acadêmicos. Neste período, Casais Monteiro destaca que não havia crítica literária no Brasil, apenas jornalismo literário, o que motivou o debate sobre a crítica a ser publicada neste veículo de comunicação. Ainda assim, para o autor, não significava que não se podia publicar crítica literária em jornais, mas ele defendia que os que se propuserem a fazê-lo, que tivessem conhecimento sobre literatura – soubessem de fato o que é literatura. "O papel do crítico tem que ser, essencialmente o de um esclarecedor, que antes de mais nada reclama da obra literária os valores estéticos sem os quais ela não vive" (MONTEIRO, 1961, p. 160).

Segundo Casais Monteiro, os defensores da crítica científica esqueceram de dizer o que deveria ser feito com a opinião, ao falar de uma obra. Na verdade, para eles, a opinião não deveria fazer parte da crítica. A "verdade" da obra deveria aparecer na descrição de seus elementos, obedecendo aos critérios estabelecidos para fazer uma crítica de qualidade, preservando o valor científico e sua objetividade.

A estilística surgiu no Brasil em seguida a este debate para combater a mera descrição e avaliar a obra em si. Porém, perdeu-se na análise de pormenores, figuras, estilo, linguagem e toda suposta matéria de que seria feita a obra. Mas seria possível avaliar uma obra, ou seja, fazer uma crítica sem estabelecer um juízo de valor? Neste sentido Casais Monteiro critica o impressionismo, mas ao mesmo tempo, afirma que sem intuição, tanto estilística quanto crítica viram mera análise de textos. A metáfora que considera a crítica doente aparece novamente (desliza) quando Casais Monteiro compara o crítico a um médico que trabalha com o morto (obra literária) e com uma faca em punho desvenda suas partes, em uma espécie de autópsia da obra. A doença está, não só, em tentar estabelecer um único método para a análise de todas as obras, baseado em fichas de catalogação, mas também, em este método se tornar mera análise de elementos. Descrevemos abaixo a sequência discursiva em que este deslizamento ocorre:

SD2: "Enfim, eles nem sabem qual é diferença entre o vivo e o morto; pior: ignoram essa dualidade, pois, praticamente toda obra literária lhes parece sob a categoria de morto. De facinora em punho, tiram uma lasca do cadáver e exclamam: olhem como eu achei a essência da obra! - mas, entretanto, a obra tinha fugido com o último suspiro do corpo morto pousado na mesa da autópsia". (MONTEIRO, 1961, p. 174).

A imagem que considera a obra morta foca tanto na crítica científica quanto nas outras formas de crítica, que surgiram na tentativa de desvendar a essência da obra sem "impressionismos". Ao comparar a crítica científica/objetiva ao ensino de literatura nas escolas e universidades, Casais Monteiro reforça a incapacidade de se buscar a essência da obra através da explicação de textos, tendo em vista que o ensino de literatura, tradicionalmente, pressupõe não ter opiniões. "Tratar-se-ia, pelo contrário, de levar para a escola uma visão mais arejada da literatura do que lá costuma

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

imperar, pela sua vocação tradicional, para supor que ensinar é transformar o vivo em morto, não ter opiniões, e supor que há sempre uma explicação possível”.(MONTEIRO, 1961, p. 162)

A estilística emergiu como uma alternativa à crítica tradicional que buscava identificar o que o autor pensava ou o que sentia, e até mesmo o contexto de sua produção. A partir da estilística, a obra deixou de ser analisada como efeito e passou a considerar a análise da própria literatura. Porém ao considerar os elementos antes da obra - estabelecer um a priori - trabalha sobre uma obra morta, já que ao analisar elementos separadamente deduz que estes produzem significação, "são" mesmo antes de compor a obra. Através da sua enumeração seria possível refazer o objeto de estudo e assim, a ciência dos estilos literários propõe a descrição como único método capaz de detectar o poético.

Criar imagens que aproximem o leitor da obra é o papel fundamental da crítica e o que permite, também, mantê-la viva. Porém, ao esmiuçar a obra e analisá-la pelos elementos que a compõem no anseio de produzir uma crítica com a objetividade exigida pela ciência, transformou-se a obra num corpo morto.

Casais Monteiro ressalta que uma obra de arte que tem uma construção específica, artística, só poderia ser identificada em essência pelo prazer estético que produz. Ou seja, “não há métodos que possam determinar a capacidade de uma obra provocar prazer estético” (MONTEIRO, 1961, p. 168). É por isso que a crítica se distancia do rigor científico e se aproxima da filosofia, o que talvez não tenha sido cogitado pelos pensadores da época por se tratar de um período em que a filosofia estava desacreditada e o homem científico prevaleceu.

A metáfora da doença da crítica, ou seja, o a priori, o estabelecimento de métodos para análise das obras, é citado também pelo autor João Cezar de Castro Rocha, professor de literatura, durante sua participação de uma mesa redonda no II Seminário Internacional de Crítica Literária, realizado em 2011. Na oportunidade, Rocha afirma que a crítica científica, com uma concepção normativa, “projeta os seus próprios pressupostos eternamente na mesma literatura, nos mesmos textos e eternamente produz o tédio como método monótono de sempre chegar às mesmas conclusões analíticas para os mesmos textos, embora os autores possam ser diferentes”.

Rocha ressalta, ainda, que a tarefa dos críticos hoje é “reinventar a crítica a partir dos novos meios, com novas linguagens, com novas perspectivas e sobretudo, abandonando de vez qualquer pretensão normativa, porque toda pretensão normativa, ainda que seja expressa com conceitos sofisticados e com teorias aparentemente muito interessantes, é sempre autoritária”. Cabe destacar que para o referido autor, a crítica normativa se caracteriza pela adoção de determinados pressupostos teóricos, pela recusa do diálogo com outros pressupostos teóricos e pela reprodução contínua dos mesmos resultados analíticos.

O mesmo autor, em seu livro “Crítica literária: em busca do tempo perdido?” (2011), mais precisamente na “Conclusão: por uma esquizofrenia produtiva?” fala da crítica científica, acadêmica, feita por métodos e que dava mais importância para a história da obra do que para seu presente. Cita dois exemplos de críticos, Mário Faustino e Antônio Cândido, que souberam unir a academia com a crítica de jornal, deixando de lado os aspectos metodológicos, os pressupostos, e buscando uma interpretação estética da obra, numa relação de 'corpo a corpo' com ela, com o

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

presente. Desta forma, segundo Rocha (2011, p. 376) a crítica “informa e ao mesmo tempo forma”, dirigindo-se simultaneamente a mais de um tipo de público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura do texto de Casais Monteiro, bem como nas falas de João Cezar de Castro Rocha, percebemos a importância da crítica literária sem a priori, seja ela feita nos bancos universitários ou publicada em livros ou jornais, blogs ou revistas eletrônicas. Uma crítica produzida sem pressupostos, sem métodos prontos e únicos para todas as obras, e que considere sua essência, seu presente. A tarefa principal da crítica é levar ao leitor a “verdade” da obra literária e isso só será possível a partir do momento que o crítico “ler” a obra, estabelecer uma relação “corpo a corpo” com ela e a partir daí, expressar as suas leituras acerca dela, sem pressupostos e métodos de classificação padrão.

O debate sobre a crítica parece remeter sempre aos mesmos questionamentos. Seja em 1961 ou 2011, diferentes autores “conversam” sobre as dificuldades de construir uma crítica que aproxime o leitor, que possibilite uma identificação deste com a obra e assim a torne viva. Mais do que isso, parece necessário reconhecer que não há como fazer crítica literária a partir de uma metodologia científica, já que o objeto de análise consiste em obra, criação, arte. O prazer estético que uma obra proporciona ao leitor não pode ser identificado a partir de padrões, já que cada sujeito é único, assim como cada obra. Os questionamentos perpassam a construção da crítica literária pois também o objeto de sua análise permanece com muitas questões em aberto, visto que ainda hoje uma das maiores dificuldades da literatura está em identificar o que torna um texto uma obra literária.

A partir deste exercício de interpretação, podemos compreender que a crítica literária deixará de ser “doente” quando abandonar as fichas de catalogação, a divisão da obra em partes, pedaços que se encaixam neste ou naquele padrão, e também, quando considerar o seu presente, e não apenas a história da obra e de seu autor. A obra literária tem vida, está no hoje e não é possível a crítica se basear apenas no ontem para classificá-la como boa ou ruim.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Análise de Discurso; A priori.

REFERÊNCIAS

CASAIS MONTEIRO, A. Clareza e mistério da crítica. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1961 (p. 155 a 196).

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

ROCHA, J. C. C. Crítica literária: em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

_____. Crítica literária como intercâmbio cultura: debate [7 de dezembro do 2011]. São Paulo: II Seminário Internacional de Crítica Literária do Itaú Cultural. Mediador: Luiz Ruffato. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AgzCNtmXITw>. Acesso em 15 de junho de 2015.